

Nunca estive no Bosque de S. João. Não me atrevo.
Ficaria assustado com a infindável noite de abetos,
assustado ao deparar-me com uma taça de um vermelho-vivo
e o bater das asas da Águia.

— *O Napoleão de Notting Hill*, G. K. Chesterton

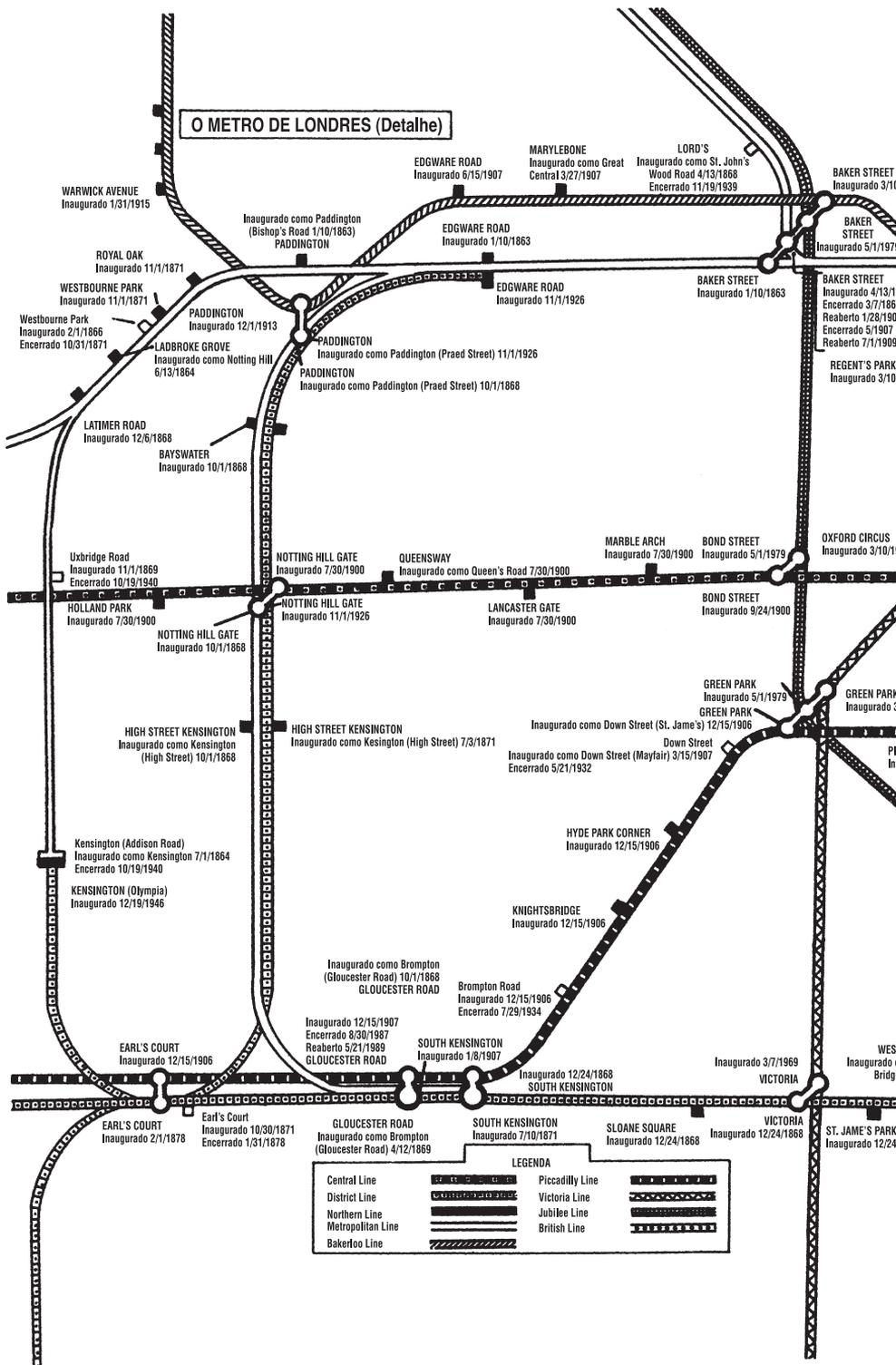
Se alguma vez deste as meias ou os sapatos
Então, em cada uma e todas as noites
Senta-te e calça-os
E Cristo receberá a tua alma

*Nesta noite e para sempre, nesta noite e para sempre
Em cada uma e todas as noites
Fogo e chamas e luz das velas
E Cristo receberá a tua alma*

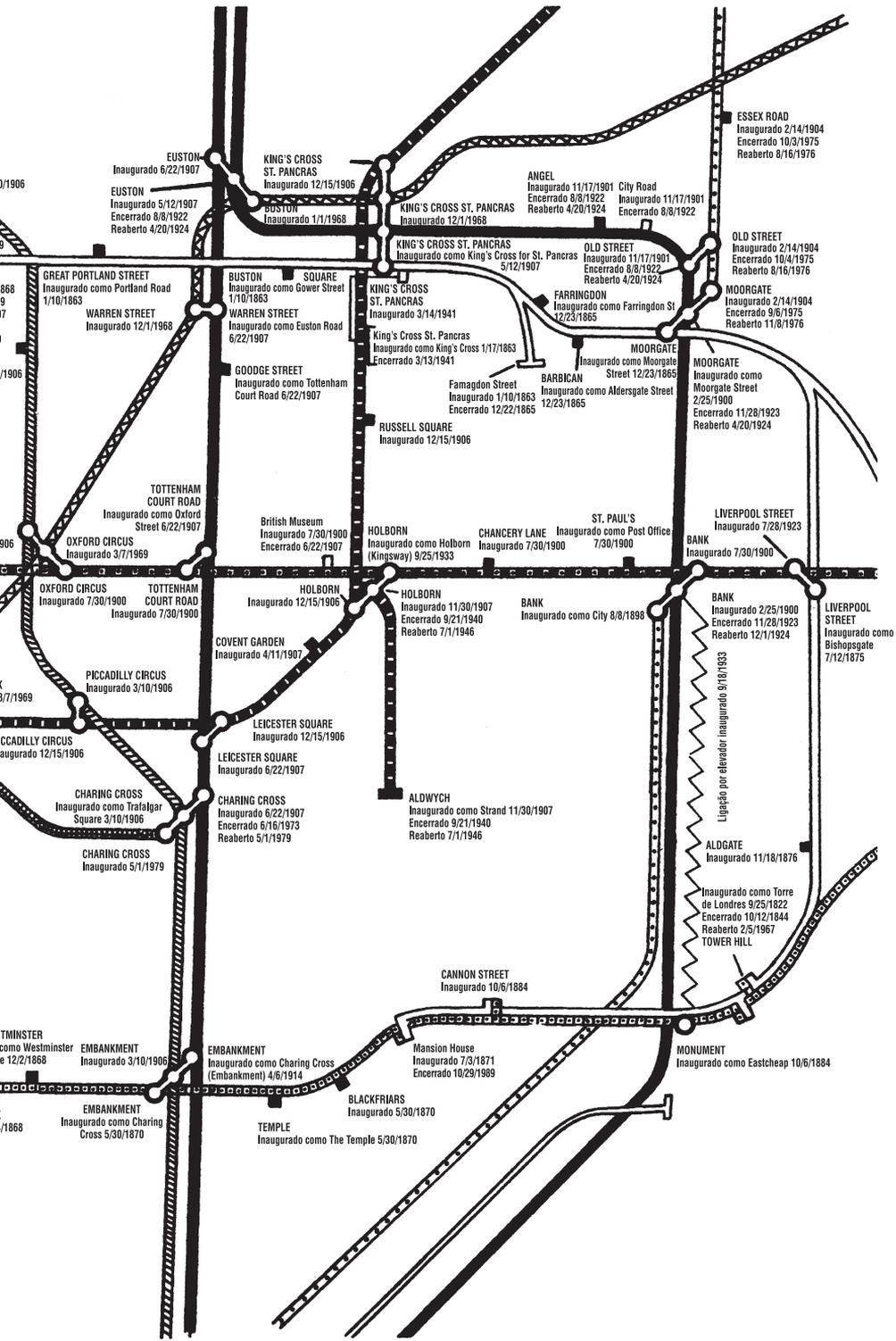
Se alguma vez deste de comer ou beber
Então, em cada uma e todas as noites
O fogo nunca te afectará
E Cristo receberá a tua alma

— *The Lyke Wake Dirge* (tradicional)

O METRO DE LONDRES (Detalhe)



LEGENDA			
Central Line		Piccadilly Line	
District Line		Victoria Line	
Northern Line		Jubilee Line	
Metropolitan Line		British Line	
Bakerloo Line			



EUSTON
Inaugurado 6/22/1907
EUSTON
Inaugurado 5/12/1907
Encerrado 8/8/1922
Reaberto 4/20/1924

KING'S CROSS
ST. PANCRAS
Inaugurado 12/15/1906
BOSTON
Inaugurado 1/1/1968

ANGEL
Inaugurado 11/17/1901
Encerrado 8/8/1922
Reaberto 4/20/1924

City Road
Inaugurado 11/17/1901
Encerrado 8/8/1922

ESSEX ROAD
Inaugurado 2/14/1904
Encerrado 10/3/1975
Reaberto 8/16/1976

GREAT PORTLAND ROAD
Inaugurado como Portland Road
1/10/1863
WARREN STREET
Inaugurado 12/1/1968

SQUARE
Inaugurado como Gower Street
1/10/1863
WARREN STREET
Inaugurado como Euston Road
6/22/1907

KING'S CROSS
ST. PANCRAS
Inaugurado 3/14/1941
King's Cross St. Pancras
Inaugurado como King's Cross 1/17/1863
Encerrado 3/13/1941

OLD STREET
Inaugurado 11/17/1901
Encerrado 8/8/1922
Reaberto 4/20/1924

FARRINGDON
Inaugurado como Farringdon St
12/23/1865

MOORGATE
Inaugurado 2/14/1904
Encerrado 10/4/1975
Reaberto 8/16/1976

GOODGE STREET
Inaugurado como Tottenham
Court Road 6/22/1907

RUSSELL SQUARE
Inaugurado 12/15/1906

MOORGATE
Inaugurado como Moorgate
Street 12/23/1865

MOORGATE
Inaugurado como
Moorgate Street
2/25/1900
Encerrado 11/28/1923
Reaberto 4/20/1924

TOTTENHAM
COURT ROAD
Inaugurado como Oxford
Street 6/22/1907
OXFORD CIRCUS
Inaugurado 3/7/1969

British Museum
Inaugurado 7/30/1900
Encerrado 6/22/1907

HOLBORN
Inaugurado como Holborn
(Kingsway) 9/25/1833

CHANCERY LANE
Inaugurado como Post Office
7/30/1900

ST. PAUL'S
Inaugurado como St. Paul's
7/30/1900

LIVERPOOL STREET
Inaugurado 7/28/1923

OXFORD CIRCUS
Inaugurado 7/30/1900
TOTTENHAM
COURT ROAD
Inaugurado 7/30/1900

HOLBORN
Inaugurado 12/15/1906

HOLBORN
Inaugurado 11/30/1907
Encerrado 9/21/1940
Reaberto 7/1/1946

BANK
Inaugurado como City 8/8/1893

BANK
Inaugurado 2/25/1900
Encerrado 11/28/1923
Reaberto 12/1/1924

LIVERPOOL STREET
Inaugurado como
Bishopsgate
7/12/1875

PICCADILLY CIRCUS
Inaugurado 3/10/1906

COVENT GARDEN
Inaugurado 4/11/1907

HOLBORN
Inaugurado 11/30/1907
Encerrado 9/21/1940
Reaberto 7/1/1946

BANK
Inaugurado como City 8/8/1893

BANK
Inaugurado 2/25/1900
Encerrado 11/28/1923
Reaberto 12/1/1924

LIVERPOOL STREET
Inaugurado como
Bishopsgate
7/12/1875

CCADILLY CIRCUS
Inaugurado 12/15/1906

LEICESTER SQUARE
Inaugurado 12/15/1906

ALDWYCH
Inaugurado como Strand 11/30/1907
Encerrado 9/21/1940
Reaberto 7/1/1946

BANK
Inaugurado como City 8/8/1893

BANK
Inaugurado 2/25/1900
Encerrado 11/28/1923
Reaberto 12/1/1924

LIVERPOOL STREET
Inaugurado como
Bishopsgate
7/12/1875

CHARING CROSS
Inaugurado como Trafalgar
Square 3/10/1906

CHARING CROSS
Inaugurado 6/22/1907
Encerrado 6/16/1973
Reaberto 5/1/1979

ALDWYCH
Inaugurado como Strand 11/30/1907
Encerrado 9/21/1940
Reaberto 7/1/1946

BANK
Inaugurado como City 8/8/1893

BANK
Inaugurado 2/25/1900
Encerrado 11/28/1923
Reaberto 12/1/1924

LIVERPOOL STREET
Inaugurado como
Bishopsgate
7/12/1875

CHARING CROSS
Inaugurado 5/1/1979

CHARING CROSS
Inaugurado 6/22/1907
Encerrado 6/16/1973
Reaberto 5/1/1979

ALDWYCH
Inaugurado como Strand 11/30/1907
Encerrado 9/21/1940
Reaberto 7/1/1946

BANK
Inaugurado como City 8/8/1893

BANK
Inaugurado 2/25/1900
Encerrado 11/28/1923
Reaberto 12/1/1924

LIVERPOOL STREET
Inaugurado como
Bishopsgate
7/12/1875

CHARING CROSS
Inaugurado 5/1/1979

CHARING CROSS
Inaugurado 6/22/1907
Encerrado 6/16/1973
Reaberto 5/1/1979

ALDWYCH
Inaugurado como Strand 11/30/1907
Encerrado 9/21/1940
Reaberto 7/1/1946

BANK
Inaugurado como City 8/8/1893

BANK
Inaugurado 2/25/1900
Encerrado 11/28/1923
Reaberto 12/1/1924

LIVERPOOL STREET
Inaugurado como
Bishopsgate
7/12/1875

CHARING CROSS
Inaugurado 5/1/1979

CHARING CROSS
Inaugurado 6/22/1907
Encerrado 6/16/1973
Reaberto 5/1/1979

ALDWYCH
Inaugurado como Strand 11/30/1907
Encerrado 9/21/1940
Reaberto 7/1/1946

BANK
Inaugurado como City 8/8/1893

BANK
Inaugurado 2/25/1900
Encerrado 11/28/1923
Reaberto 12/1/1924

LIVERPOOL STREET
Inaugurado como
Bishopsgate
7/12/1875

CHARING CROSS
Inaugurado 5/1/1979

CHARING CROSS
Inaugurado 6/22/1907
Encerrado 6/16/1973
Reaberto 5/1/1979

ALDWYCH
Inaugurado como Strand 11/30/1907
Encerrado 9/21/1940
Reaberto 7/1/1946

BANK
Inaugurado como City 8/8/1893

BANK
Inaugurado 2/25/1900
Encerrado 11/28/1923
Reaberto 12/1/1924

LIVERPOOL STREET
Inaugurado como
Bishopsgate
7/12/1875

CHARING CROSS
Inaugurado 5/1/1979

CHARING CROSS
Inaugurado 6/22/1907
Encerrado 6/16/1973
Reaberto 5/1/1979

ALDWYCH
Inaugurado como Strand 11/30/1907
Encerrado 9/21/1940
Reaberto 7/1/1946

BANK
Inaugurado como City 8/8/1893

BANK
Inaugurado 2/25/1900
Encerrado 11/28/1923
Reaberto 12/1/1924

LIVERPOOL STREET
Inaugurado como
Bishopsgate
7/12/1875

CHARING CROSS
Inaugurado 5/1/1979

CHARING CROSS
Inaugurado 6/22/1907
Encerrado 6/16/1973
Reaberto 5/1/1979

ALDWYCH
Inaugurado como Strand 11/30/1907
Encerrado 9/21/1940
Reaberto 7/1/1946

BANK
Inaugurado como City 8/8/1893

BANK
Inaugurado 2/25/1900
Encerrado 11/28/1923
Reaberto 12/1/1924

LIVERPOOL STREET
Inaugurado como
Bishopsgate
7/12/1875

CHARING CROSS
Inaugurado 5/1/1979

CHARING CROSS
Inaugurado 6/22/1907
Encerrado 6/16/1973
Reaberto 5/1/1979

ALDWYCH
Inaugurado como Strand 11/30/1907
Encerrado 9/21/1940
Reaberto 7/1/1946

BANK
Inaugurado como City 8/8/1893

BANK
Inaugurado 2/25/1900
Encerrado 11/28/1923
Reaberto 12/1/1924

LIVERPOOL STREET
Inaugurado como
Bishopsgate
7/12/1875

CHARING CROSS
Inaugurado 5/1/1979

CHARING CROSS
Inaugurado 6/22/1907
Encerrado 6/16/1973
Reaberto 5/1/1979

ALDWYCH
Inaugurado como Strand 11/30/1907
Encerrado 9/21/1940
Reaberto 7/1/1946

BANK
Inaugurado como City 8/8/1893

BANK
Inaugurado 2/25/1900
Encerrado 11/28/1923
Reaberto 12/1/1924

LIVERPOOL STREET
Inaugurado como
Bishopsgate
7/12/1875

CHARING CROSS
Inaugurado 5/1/1979

CHARING CROSS
Inaugurado 6/22/1907
Encerrado 6/16/1973
Reaberto 5/1/1979

ALDWYCH
Inaugurado como Strand 11/30/1907
Encerrado 9/21/1940
Reaberto 7/1/1946

BANK
Inaugurado como City 8/8/1893

BANK
Inaugurado 2/25/1900
Encerrado 11/28/1923
Reaberto 12/1/1924

LIVERPOOL STREET
Inaugurado como
Bishopsgate
7/12/1875

PRÓLOGO

Richard Mayhew não estava a divertir-se na noite anterior à sua partida para Londres.

Começara o serão entretendo-se sozinho: gostara de ler os postais de despedida e de receber os abraços de várias jovens suas conhecidas, não completamente desprovidas de atractivos; apreciara os avisos sobre os males e os perigos de Londres e o presente do guarda-chuva branco com o mapa do Metro de Londres para o qual os seus amigos haviam contribuído; apreciara as primeiras canecas de cerveja; mas depois, a cada sucessiva caneca, apercebera-se de que estava a divertir-se consideravelmente menos; até acabar por se encontrar sentado e a tremer no passeio no exterior do *pub* numa pequena cidade escocesa, a sopesar os relativos méritos de se estar ou não agoniado, e não estava a divertir-se minimamente.

Os seus amigos continuavam no *pub*, a celebrarem a sua iminente partida com um entusiasmo que, na opinião de Richard, começava a abeirar-se do sinistro. Permanecia sentado no passeio, agarrando firmemente no guarda-chuva fechado, e perguntava-se se partir para sul, para Londres, seria realmente uma boa ideia.

— Tenta manter-te alerta — aconselhou-o uma voz idosa e roufenha. — Mandar-te-ão embora num abrir e fechar de olhos. Ou acolher-te-ão, não me surpreenderia. — Dois olhos penetrantes espreitavam-no de um rosto adunco e sujo. — Sentes-te bem?

— Sim, obrigado — disse Richard. Era um homem jovem e arrapazado, de rosto saudável, cabelo escuro e ligeiramente encaracolado e enormes olhos amendoados; estava com o aspecto desleixado de quem acabara de acordar, o que o tornava ainda mais atraente para o sexo oposto, embora nunca tivesse compreendido ou acreditado nisso.

O rosto sujo suavizou-se. — Toma, coitado de ti — disse ela, enfiando-lhe na mão uma moeda de cinquenta cêntimos. — Há quanto tempo andas na rua?

— Não sou nenhum sem-abrigo — explicou Richard com embaraço, tentando devolver a moeda à velha. — Tome lá o seu dinheiro, por favor. Estou bem. Vim cá fora apanhar um pouco de ar. Parto amanhã para Londres — acrescentou.

A velha inspeccionou-o com desconfiança, aceitou os cinquenta cêntimos de volta e fê-los desaparecer debaixo das camadas de casacos e xailles que a agasalhavam. — Já estive em Londres — confidenciou-lhe ela. — Casei-me em Londres. Mas ele era um desgraçado. A minha mãe dizia-me para não me casar fora da terra, mas eu era jovem e bela, se bem que agora já não se note, e segui o coração.

— Tenho a certeza de que sim — disse Richard. A convicção da iminência do vômito começava a desvanecer-se lentamente.

— E que rica sorte isso me trouxe. Tenho vivido na rua e, portanto, sei o que isso é — continuou a velha. — Foi por isso que pensei que também vivias na rua. Vais para Londres fazer o quê?

— Arranjei um emprego — anunciou com orgulho.

— A fazer o quê? — perguntou ela.

— Hum, seguros.

— Eu era dançarina — contou a velha, começando a cambalear toscamente pelo passeio enquanto trauteava desafinadamente para si mesma. Depois vacilou de um lado para o outro como um pião prestes a parar e deteve-se por fim, virada para Richard. — Estende a mão para eu te ler o teu destino — disse-lhe. Richard obedeceu-lhe. A velha agarrou firmemente na mão dele e pestanejou algumas vezes, à semelhança de uma coruja que tivesse engolido um rato que discordava em servir de refeição. — Tens um longo caminho pela frente... — proferiu ela com perplexidade.

— Até chegar a Londres — afirmou Richard.

— Não somente até Londres... — E calou-se. — Não nenhuma Londres que eu conheça. — Começou inesperadamente a tombar uma chuva miudinha. — Lamento — continuou ela. — Começa com portas.

— Portas?

A velha anuiu com a cabeça. A chuva começou a cair com mais força, tamborilando nos telhados e no asfalto da rua. — No teu lugar, estaria atento a portas.

Richard levantou-se, um pouco cambaleante. — Está bem — disse, não sabendo como encarar uma informação daquela natureza. — Assim o farei. Obrigado.

A porta do *pub* abriu-se, e a luz e a música jorraram para a rua. — Richard? Estás bem?

— Sim, estou bem. Volto já para dentro. — A velha avançava já vacilante ao longo da rua, em direcção à chuva que caía fortemente e começava a encharcá-la. Richard sentiu que deveria fazer algo por ela: não podia dar-lhe dinheiro, porém. Apressou-se atrás dela ao longo da rua estreita, com a chuva a encharcar-lhe o rosto e o cabelo. — Tome — disse, remexendo no cabo do guarda-chuva enquanto tentava encontrar a mola para o abrir. Ouvia-se um clique e o guarda-chuva desabrochou num enorme mapa branco da rede do Metro de Londres, com cada linha desenhada numa cor diferente e com cada estação assinalada e designada.

A velha aceitou gratamente o guarda-chuva e sorriu-lhe em agradecimento. — Tens um coração bondoso — disse-lhe. — Por vezes será o suficiente para te manter seguro para onde quer que vás. — Abanou a cabeça. — Mas a maior parte das vezes não será. — Agarrou firmemente no guarda-chuva quando uma rajada de vento ameaçou arrancá-lo das mãos ou revirá-lo. Segurou-o com ambas as mãos e curvou-se quase completamente contra a chuva e o vento. Continuou a avançar pela chuva e pela noite, uma forma branca e arredondada, recoberta com os nomes das estações do Metro de Londres: Earl's Court, Marble Arch, Blackfriars, White City, Victoria, Angel, Oxford Circus...

Richard deu por si a ponderar, embriagadamente, se haveria realmente um circo em Oxford Circus; um verdadeiro circo, com mulheres belas e feras perigosas. A porta do *pub* abriu-se de novo; uma explosão de som, como se alguém tivesse rodado os botões do controlo para o volume máximo. — Richard, seu idiota, trata-se do raio da tua festa e estás a perder a diversão toda!

Voltou a entrar no *pub*, sentindo que a urgência de vomitar se perdera em toda aquela estranheza.

— Pareces um rato afogado — comentou alguém.

— Nunca viste um rato afogado — ripostou Richard.

Alguém lhe passou um enorme copo de *whisky* para as mãos. — Toma, emborca isso. Vai aquecer-te. Sabes, em Londres não vais conseguir arranjar verdadeiro *whisky*.

— Tenho a certeza de que arranjo — suspirou Richard. A água gotejava-lhe do cabelo para dentro da bebida. — Em Londres há tudo.

— Embarcou o *whisky*. Depois, alguém lhe trouxe outro, e o serão tornou-se então indistinto e quebrado em fragmentos; posteriormente, lembrar-se-ia apenas da sensação de que estava prestes a partir de um lugar pequeno e racional — um local que fazia sentido — para um local imenso e velho que não fazia sentido; e de que vomitara interminavelmente para uma sarjeta inundada pela água da chuva, algures no início da madrugada; e de uma forma branca, assinalada com símbolos de cores estranhas, como se fosse um pequeno escaravelho arredondado, a afastar-se dele sob a chuva.

Na manhã seguinte, embarcou no comboio para a viagem de dezasseis horas em direcção ao Sul e que o levaria até aos estranhos arcos e espirais góticos da Estação de St. Pancras. A mãe preparara-lhe um pequeno bolo de nozes e uma garrafa-termos com chá para a viagem; e Richard Mayhew partiu então para Londres, sentindo-se verdadeiramente indisposto.

UM

Há quatro dias que ela percorria passagens e túneis numa fuga cambaleante e desordenada. Sentia-se esfomeada, exausta, mais fatigada do que o seu corpo poderia aguentar, e cada porta sucessiva revelava-se cada vez mais difícil de abrir. Encontrara um refúgio após quatro dias de fuga, um minúsculo esconderijo de pedra debaixo do mundo e onde estaria segura, ou assim rezava ela, e onde conseguiu adormecer por fim.

Mr. Croup contratara Ross no último Mercado Flutuante, que decorrera na Abadia de Westminster. — Trata-se de um canário — disse ele a Mr. Vandemar.

— Canta? — perguntou Mr. Vandemar.

— Duvido. Sinceramente, duvido em absoluto. — Mr. Croup passou a mão pelo cabelo liso e alaranjado. — Não, meu caro amigo, estava a pensar metaforicamente, mais na ideia das aves que levam para o interior das minas. — Mr. Vandemar anuiu com a cabeça enquanto se apercebia lentamente; sim, um canário. Mr. Ross não exhibia qualquer semelhança com um canário. Era enorme, quase tão corpulento quanto Mr. Vandemar, incrivelmente imundo, quase desprovido de pêlos, e falava muito pouco, embora tivesse feito questão em dizer a cada um deles que gostava de matar coisas e que era bom a fazê-lo; e isto divertira Mr. Croup e Mr. Vandemar. Mas ele era um canário e não tinha consciência disso. Por conseguinte, Mr. Ross tomou a dianteira, com Croup e Vandemar seguindo atrás dele com os seus elegantes fatos escuros.

Há quatro maneiras simples de um observador distinguir Mr. Croup de Mr. Vandemar: primeiro, Mr. Vandemar é duas cabeças e meia mais

alto do que Mr. Croup; segundo, os olhos de Mr. Croup são de um azul desbotado, ao passo que os de Mr. Vandemar são castanhos; terceiro, Mr. Vandemar confeccionou os anéis que usa na mão direita a partir dos crânios de quatro corvos, enquanto Mr. Croup não possui qualquer jóia visível; quarto, Mr. Croup gosta de palavras, ao passo que Mr. Vandemar está sempre esfomeado. Além do mais, não se parecem minimamente um com o outro.

Ouviu-se um roçar na escuridão do túnel; o punhal que Mr. Vandemar segurava foi repentinamente desferido até ficar a baloiçar suavemente a cerca de dez metros de distância. Aproximou-se e recolheu a arma pelo punho. Havia um rato cinzento empalado na lâmina a abrir e fechar impotentemente a boca enquanto a vida o abandonava. Mr. Vandemar esmagou o crânio da criatura entre o indicador e o polegar.

— Ora bem, mais um rato que nunca mais contará histórias — disse Mr. Croup, rindo-se do seu próprio gracejo. Mr. Vandemar não reagiu. — Rato. Histórias. Percebes?

Mr. Vandemar arrancou o rato da lâmina e começou a mastigá-lo pensativamente, começando pela cabeça. Mr. Croup arrebatou-lho das mãos com uma sapatada. — Pára com isso — admoestou-o. Mr. Vandemar guardou o punhal, num silêncio um pouco hostil. — Anima-te — silvou Mr. Croup de modo encorajador. — Haverá sempre mais ratos. Pois bem, em frente. Há coisas a fazer. Pessoas para mutilar.

Os três anos passados em Londres não haviam modificado Richard, embora o modo como via a cidade se tivesse alterado. A partir das imagens que vira, sempre imaginara Londres como uma cidade cinzenta, ou até mesmo uma cidade escura, e ficara surpreendido ao verificar que estava repleta de cores. Era uma cidade de tijolos vermelhos e pedra branca, de autocarros vermelhos e enormes táxis negros, de marcos do correio de um vermelho-vivo e parques e cemitérios verdejantes.

Era uma cidade onde o muito antigo e a novidade tosca se acotovelavam mutuamente, não de um modo desconfortável, mas desrespeitoso; uma cidade de lojas, escritórios, restaurantes e lares, de parques e igrejas, de monumentos ignorados e palácios notavelmente não-palaciais; uma cidade com centenas de bairros com estranhos nomes — Crouch End, Chalk Farm, Earl's Court, Marble Arch — e identidades bizarramente distintas; uma cidade ruidosa, imunda, animada e perturbada que se alimentava dos turistas, que precisava deles tanto

quanto os desprezava, onde a velocidade média dos transportes através da cidade não havia aumentado em trezentos anos, na sequência de quinhentos anos de intermitente alargamento das estradas e inábeis compromissos entre as necessidades do trânsito (quer fosse tracção animal ou, mais recentemente, motorizado) e as necessidades dos transeuntes; uma cidade habitada e pejada de pessoas de todas as cores, costumes e raças.

Quando chegara, achara Londres enorme, velha, fundamentalmente incompreensível, sendo o mapa do Metro, essa elegante e colorida demonstração topográfica das linhas e estações do Metropolitano, o único indício de ordem. Apercebera-se gradualmente de que o mapa do Metro era uma ficção prática que tornava a vida mais fácil, embora não exhibisse qualquer semelhança com a realidade da forma da cidade que existia por cima. Era como pertencer a um partido político, pensara ele com orgulho; mas quando, numa festa, tentou explicar a um grupo de perplexos desconhecidos a semelhança entre o mapa do Metro e a política, decidiu que no futuro deixaria os comentários políticos para os outros.

Continuara a compreender lentamente a cidade, por um processo de osmose e de conhecimento semi-intuitivo (que é uma espécie de ruído estático, embora mais útil), um processo que se acelerava quando se apercebia de que a própria City de Londres não teria mais de um quilómetro quadrado de extensão, estendendo-se desde Aldgate a leste, até Fleet Street e dos tribunais de Old Bailey a oeste, uma minúscula municipalidade que albergava agora as instituições financeiras de Londres e onde tudo começara.

Duzentos anos atrás, Londres era uma pequena aldeia celta, na margem norte do Tamisa, com a qual os Romanos se depararam e colonizaram. Londres cresceu, lentamente, até que, sensivelmente mil anos depois, começou a confinar com a minúscula Cidade Real de Westminster imediatamente a oeste, e, assim que a Ponte de Londres foi construída, Londres aflorou a cidade de Southwark directamente através do rio; e continuou a crescer enquanto campos, bosques e zonas pantanosas desapareciam debaixo da florescente cidade, e continuou a expandir-se, encontrando outras pequenas aldeias e povoados enquanto crescia, como Whitechapel e Deptford a leste, Hammersmith e Shepherd's Bush a oeste, Camden e Islington a norte, Battersea e Lambeth na outra margem do Tamisa a sul, absorvendo-os a todos — tal como uma poça de mercúrio encontra e incorpora pequenas gotas de mercúrio — e deixando atrás de si apenas os seus nomes originais.

Londres tornara-se em algo gigantesco e contraditório. Era um bom lugar e uma cidade admirável, mas há um preço a pagar por todos os bons lugares, e um preço que todos os bons lugares têm de pagar.

Após algum tempo, Richard começou a encarar Londres como algo garantido; no decurso do tempo, começou a vangloriar-se de nunca ter visitado nenhuma das atracções de Londres (excepto a Torre de Londres, quando a sua tia Maude veio à cidade durante um fim-de-semana e Richard se virou no papel de seu relutante acompanhante).

Mas Jessica alterara tudo isso. Em vez dos recatados fins-de-semana, Richard começou a acompanhá-la a locais como a National Gallery e a Tate Gallery, onde aprendeu que deambular demoradamente pelos museus resultava em pés doridos, que os grandiosos tesouros artísticos do mundo se confundem indistintamente uns com os outros após algum tempo e que está quase para além da capacidade de fé humana aceitar a quantia que as cafetarias dos museus cobram impudentemente por uma fatia de bolo e uma chávena de chá.

— Aqui tens o teu chá e o teu *éclair* — disse ele. — Teria sido mais barato comprar um daqueles Tintoretos.

— Não exageres — proferiu Jessica com entusiasmo. — De qualquer modo, não há Tintoretos na Tate.

— Eu deveria ter pedido o bolo de cereja — continuou Richard. — Assim poderiam adquirir mais um Van Gogh.

Conhecera Jessica em França, numa viagem de fim-de-semana a Paris dois anos antes; de facto, descobrira-a no Louvre, quando tentava encontrar o seu grupo de amigos do escritório que tinham organizado a viagem. Enquanto contemplava uma enorme escultura, recuara alguns passos atrás e tropeçara em Jessica, que admirava um diamante incrivelmente grande e historicamente importante. Richard tentara desculpar-se em francês, uma língua que não sabia falar, mas desistira e começara a desculpar-se em inglês e depois tentara desculpar-se em francês por ter de se desculpar em inglês, até que se apercebeu de que Jessica era tão inglesa quanto alguém poderia ser. Ela decidira, entretanto, que ele deveria pagar-lhe uma dispendiosa sanduíche francesa e um sumo de maçã gaseificado exorbitantemente caro, como modo de se redimir, e, bem, foi assim que tudo se iniciou realmente. Depois disso, nunca conseguira convencer Jessica de que não era o tipo de pessoa que visitava galerias de arte.

Nos fins-de-semana em que não visitavam galerias de arte ou museus, Richard arrastava-se atrás de Jessica enquanto esta fazia compras, uma actividade que ela efectuava inteiramente na requintada Knights-

bridge durante uma breve caminhada e uma viagem de táxi ainda mais breve desde o seu apartamento num bairro de moradias em Kensington. Richard acompanhava-a nas suas voltas por empórios imensos e intimidantes como o Harrods e Harvey Nichols, estabelecimentos onde Jessica podia adquirir tudo, desde jóias, livros aos produtos de mercearia para a semana.

Richard receara Jessica, que era encantadora, frequentemente bastante divertida e que certamente um dia chegaria a algum lado. E Jessica via em Richard um enorme potencial que, apropriadamente manobrado pela mulher certa, o tornaria no perfeito parceiro matrimonial. Se ele fosse ao menos um pouco mais concentrado, murmurava ela para si mesma, e, por conseguinte, oferecia-lhe livros intitulados *Como Vestir-se para Obter Sucesso* e *Cento e Vinte e Cinco Hábitos dos Homens de Sucesso*, bem como livros que versavam sobre o desenvolvimento de actividades como campanhas militares; Richard agradecia-lhe sempre e tinha sempre a intenção de os ler. Era ela quem escolhia, no departamento de moda masculina da Harvey Nichols, as roupas que achava que ele deveria usar: e ele usava-as — durante a semana, em todo o caso; e, um ano após se conhecerem, ela disse-lhe que achava que estava na altura de irem comprar o anel de noivado.

— Por que razão andas com ela? — perguntou-lhe Gary dezoito meses depois, no gabinete. — Ela é assustadora.

Richard abanou a cabeça. — Ela é realmente doce quando se começa a conhecê-la bem.

Gary pousou sobre a secretária de Richard o boneco de plástico em forma de *troll*. — Surpreende-me que ela ainda te deixe brincar com estas coisas.

— Esse assunto nunca surgiu — disse Richard, pegando numa das criaturas que havia sobre a secretária. Esta tinha uma onda fluorescente de cabelo alaranjado e uma expressão ligeiramente perplexa, como se estivesse perdida.

No entanto, esse assunto surgira de facto. Jessica convencera-se, contudo, de que a colecção de *trolls* de Richard era um indício de uma atraente excentricidade, comparável à colecção de anjos de Mr. Stockton. Jessica estava prestes a organizar uma exibição itinerante da colecção de anjos de Mr. Stockton e chegara à conclusão de que os grandes homens colecionavam sempre algo. Na verdade, Richard não colecionava realmente *trolls*. Encontrara um *troll* no passeio no exterior do gabinete e, numa vã tentativa de injectar um pouco de personalidade no seu mundo do trabalho, colocara-o sobre o monitor do computador.

Os outros seguiram-se nos meses subsequentes, presentes dos colegas que haviam reparado no seu pendor pelas feias criaturinhas. Richard aceitara esses presentes e posicionara-os, estrategicamente, em redor da sua secretária, ao lado dos telefones e da fotografia emoldurada de Jessica.

A fotografia exibia um postite amarelo colado.

Era uma sexta-feira à tarde. Richard reparara que os acontecimentos eram cobardes: não ocorriam individualmente, sobrevinham sempre em matilhas e assaltavam-no de repente. Atente-se nesta sexta-feira em particular, por exemplo. Era, como Jessica lhe lembrara pelo menos uma dezena de vezes durante o último mês, o dia mais importante da sua vida. Por conseguinte, e apesar do postite que Richard deixara na porta do frigorífico em casa, bem como o outro postite que colara à fotografia de Jessica que tinha sobre a secretária, era de facto um infortúnio ter-se esquecido completamente.

Além do mais, havia o Relatório Wandsworth que já deveria ter entregue e que lhe ocupava quase todos os seus pensamentos. Verificou uma outra fileira de números; depois reparou que a página 17 desaparecera e imprimiu-a de novo; mas faltava outra página ainda e sabia que, se o deixassem em paz para o terminar... se, milagre dos milagres, o telefone não tocasse... Mas tocou. Carregou na tecla do intercomunicador.

— Está lá? Richard? O director-geral precisa de saber quando terá o relatório na sua secretária.

Richard olhou para o relógio. — Daqui a cinco minutos, Sylvia. Está quase encadernado. Só preciso de anexar o índice Preço/Lucro.

— Obrigada, Dick. Depois vou aí abaixo buscá-lo. — Sylvia era, como ela gostava de explicar, «a Assistente Pessoal do Director-Geral» e movia-se envolta numa atmosfera de eficiência crispada.

Richard desligou o intercomunicador; mas este tocou de novo, imediatamente. — Richard — ouviu-se a voz de Jessica —, é a Jessica. Não te esqueceste, pois não?

— Se me esqueci? — Tentou lembrar-se do que poderia ter esquecido. Olhou para a fotografia da Jessica à procura de inspiração e encontrou toda a inspiração de que poderia precisar sob a forma de um postite amarelo colado na testa dela.

— Richard? Pega no auscultador.

Pegou no auscultador enquanto lia o postite. — Desculpa, Jess. Não, não me esqueci. Às sete da tarde, no Ma Maison Italiano. Encontro-me lá contigo?

— Jessica, Richard. E não Jess. — Manteve-se em silêncio por momentos. — Depois do que aconteceu da última vez? Não creio. Até conseguias perder-te no teu próprio quintal, Richard.

Richard pensou dizer-lhe que *qualquer pessoa* poderia confundir a National Gallery com a National Gallery Portrait e que não fora *ela* quem passara o dia inteiro espedada à chuva (o que, na opinião dele, era tão divertido quanto andar de um lado para o outro até ficar com os pés doridos), mas conteve-se.

— Encontramo-nos em tua casa — disse Jessica. — Assim saímos juntos.

— Está bem, Jess. Jessica... desculpa.

— *Confirmaste* a nossa reserva, não confirmaste, Richard?

— Sim — mentiu ele com toda a sinceridade. A outra linha do telefone começara a tocar. — Jessica, ouve, tenho...

— Ótimo — interrompeu Jessica, e cortou a ligação. Richard atendeu a outra linha.

— Olá, Dick. Sou eu, o Gary. — Gary encontrava-se sentado a uma secretária a alguma distância de Richard. Acenou-lhe. — Ainda se mantém de pé irmos beber uns copos? Disseste que podíamos rever o relatório da Merstham.

— Desliga o raio do telefone, Gary. Está claro que se mantém de pé. — Pousou o auscultador. Havia um número de telefone no fundo do postite; ele próprio escrevera aquela nota para si mesmo, várias semanas antes. E efectuara *realmente* a reserva; tinha quase a certeza disso. Tivera a constante intenção de o fazer, mas surgiram sempre tantas coisas para fazer, além de que soubera que tinha bastante tempo. Mas os acontecimentos sobrevinham em matilhas...

Sylvia estava agora espedada ao seu lado. — Dick? O Relatório Wandsworth?

— Quase pronto, Sylvia. Olha, espera só um segundo, sim?

Acabou de marcar o número e soltou um suspiro de alívio quando alguém respondeu: — Ma Maison. Posso ajudá-lo?

— Sim — disse Richard. — Uma mesa para três, para hoje à noite. Creio que já a reservei. E, se já o fiz, estou a telefonar para confirmar a reserva. E se não a reservei, gostaria de saber se posso efectuar a reserva. Por favor. — Não, não tinham nenhum registo de reserva de uma mesa para essa noite no nome de Mayhew. Ou de Stockton. Ou de Bartram: o apelido de Jessica. E quanto a reservar uma mesa...

Não foram as palavras que Richard achou desagradáveis; foi o tom de voz com que a informação foi transmitida. Uma mesa para *essa noite*

deveria ter sido reservada anos antes — talvez, como era sugerido implicitamente, pelos próprios pais de Richard. Uma mesa para *essa noite* era impossível: se o papa, o primeiro-ministro ou o presidente da França comparecessem nessa noite sem uma reserva confirmada, até eles teriam sido reencaminhados para a rua com um continental esgar de desprezo. — Mas é para o patrão da minha noiva. Eu sei que deveria ter telefonado antes. Somos apenas três, não poderia, *por favor...*

Desligaram o telefone.

— Richard? — disse Sylvia. — O D. G. está à espera.

— Achas que me arranjavam uma mesa se voltasse a telefonar e lhes oferecesse um dinheiro extra? — perguntou ele.

No sonho dela, encontravam-se todos reunidos em casa. Os pais dela, o irmão, a sua irmãzinha bebé. Estavam todos especados no salão de baile e olhavam-na fixamente. Estavam todos tão pálidos, com um ar tão grave. Portia, a sua mãe, tocou-lhe no rosto e disse-lhe que ela estava em perigo. No seu sonho, Door riu-se e disse que estava ciente desse facto. A mãe abanou a cabeça: não, não — *agora* estava realmente em perigo. *Agora*.

Door abriu os olhos. A porta estava a abrir-se, silenciosamente, silenciosamente; susteve a respiração. Passos, passos calmos sobre a pedra. *Talvez ele não repare em mim*, pensou. *Talvez se vá embora*. E depois pensou, com desespero: *Tenho fome*.

Os passos hesitaram. Sabia que se encontrava bem escondida, debaixo de uma pilha de jornais e trapos. E era bem possível que o intruso pretendesse fazer-lhe mal. *Será que ouvirá o meu coração a bater?*, pensou. Os passos aproximaram-se e soube o que deveria fazer, mas isso assustava-a. Uma mão afastou as coberturas, e ela viu então um rosto vazio e completamente imberbe que se enrugava num sorriso perverso. Door rolou e contorceu-se e a lâmina, dirigida ao seu peito, feriu-a no antebraço.

Até a esse momento, nunca pensara que seria capaz de o fazer. Nunca pensara ter a coragem suficiente, ou o pavor suficiente, ou o desespero suficiente para ousar. Mas ergueu a mão à altura do peito dele e *abriu...*

O homem ofegou e tombou sobre ela. Era húmido, quente e viscoso, e Door deslizou e retirou-se de debaixo do homem, saindo cambaleante daquele espaço.

Recuperou o fôlego no túnel estreito e baixo no exterior e respirava e soluçava ofegantemente enquanto se deixava cair contra a

parede. Aquele confronto roubara-lhe as últimas forças e agora sentia-se esgotada. O ombro começava a latejar-lhe. *O punhal*, pensou. Mas encontrava-se a salvo

— Meu Deus, meu Deus — disse uma voz da escuridão à sua direita. — Ela escapou a Mister Ross. Bem, eu nunca pensei, Mister Vandemar. — A voz parecia exsudar e soava como lodo cinzento.

— Bem, eu também nunca pensei, Mister Croup — proferiu uma voz abafada à esquerda dela.

Uma luz flamejou e tremulou. — Mesmo assim — disse Mr. Croup, com os olhos cintilando na escuridão subterrânea —, não nos escapará a nós.

Door aplicou-lhe uma contundente joelhada entre as pernas: e depois avançou com esforço, pressionando o ombro esquerdo com a mão direita.

E correu.

— Dick?

Richard fez-lhe sinal para que não o interrompesse. A vida estava quase sob o seu controlo agora. Somente mais uns minutos...

Gary chamou-o de novo — Dick? São seis e meia.

— *Já* são seis e meia? — Papéis, canetas, folhas de cálculo e *trolls* caíram dentro da pasta de Richard. Fechou-a apressadamente e correu.

Vestiu o casaco enquanto corria. Gary seguiu-o. — Sempre vamos tomar uma bebida?

Richard deteve-se por momentos. Decidiu que, se alguma vez tornassem a desorganização num jogo olímpico, ele próprio poderia ser o desorganizado a concorrer pela Grã-Bretanha. — Gary, lamento. Estraguei tudo. Tenho de me encontrar com a Jessica hoje à noite. Vamos jantar fora com o patrão dela.

— Com Mister Stockton? Dos Stockton? *O* Stockton? — Richard assentiu com a cabeça. Precipitaram-se ambos pelas escadas abaixo. — Tenho a certeza de que irão divertir-se — disse Gary com insinceridade. — E como tem passado a Criatura da Lagoa Negra?

— Na verdade, a Jessica é de Ilford, Gary. E continua a ser a luz e o amor da minha vida, muito obrigado por perguntares. — Chegaram ao átrio, e Richard precipitou-se em direcção às portas automáticas, as quais, espectacularmente, não abriram.

— Já passa das seis, Mister Mayhew — informou Mr. Figgis, o segurança do edifício. — Tem de assinar o registo de saída.

— Só a mim me acontece disto — disse Richard para ninguém em particular —, só a mim.

Mr. Figgis cheirava vagamente a linimento medicinal e corria o extenso rumor de que possuía uma enciclopédica colecção de pornografia *soft-core*. Guardava as portas com uma diligência que se abeirava da loucura e nunca se recompusera da noite em que sumira o equipamento informático de um piso inteiro, além de dois vasos com palmeiras e o tapete *Axminster* do director-geral.

— Então já não vamos tomar uma bebida?

— Desculpa, Gary. Pode ser na segunda-feira?

— Claro. Pode ser na segunda-feira. Até segunda, então.

Mr. Figgis verificou as assinaturas deles e, satisfeito por ver que não levavam quaisquer computadores, palmeiras em vasos ou tapetes, premiu o botão sob a secretária para abrir a porta.

— Portas — comentou Richard.

A passagem subterrânea ramificava-se e dividia-se; escolheu aleatoriamente o rumo, correndo, tropeçando e cambaleando curvada através dos túneis. Atrás dela seguiam Mr. Croup e Mr. Vandemar, tão calma e entusiasticamente quanto dignitários vitorianos de visita à exposição do Crystal Palace. Quando desembocavam numa encruzilhada, Mr. Croup ajoelhava-se para descobrir a próxima gota de sangue e depois seguiam-na. Eram como hienas a esgotarem a sua presa. Podiam esperar. Tinham todo o tempo do mundo.

A sorte acompanhava Richard, para variar. Apanhou um dos táxis de cor escura, conduzido por um homem idoso que o levou a casa através de um percurso improvável que envolvia ruas que Richard nunca vira; entretanto conversavam, pois tal como Richard descobrira, todos os taxistas de Londres gostavam de conversar — desde que transportassem um passageiro vivo que falasse inglês — sobre os problemas do trânsito no interior da cidade, sobre a melhor maneira de lidar com a criminalidade e sobre as espinhosas questões políticas da actualidade. Richard saltou para fora do táxi enquanto deixava uma gorjeta, bem como a sua pasta, mas conseguiu chamar de novo o táxi antes que este avançasse para a estrada principal, recuperou a pasta e correu pelas escadas acima até entrar no apartamento. Começou a despir-se imediatamente assim que entrou no corredor: a pasta rodopiou pela divisão e aterrou com um baque sobre o sofá; tirou as chaves do bolso e colocou-as cuidadosamente sobre a mesa da entrada, para não se esquecer delas.

Depois precipitou-se para dentro do quarto de banho. O intercomunicador soou. Richard, já com três quartos do corpo enfiados no seu melhor fato, precipitou-se para junto do intercomunicador.

— Richard? É a Jessica. Espero que estejas pronto.

— Oh. Sim. Desço já. — Vestiu o casaco e correu, fechando a porta atrás de si. Jessica esperava-o ao fundo das escadas. Aguardava-o sempre aí. Não gostava do apartamento dele: fazia-a sentir-se desconfortavelmente feminina. Havia sempre a possibilidade de encontrar algum par de cuecas dele algures pela casa, já para não mencionar as manchas ressequidas de pasta dos dentes no lavatório do quarto de banho; não, não era o tipo de lugar para Jessica.

Jessica era muito encantadora, ao ponto de Richard dar por si a contemplá-la ocasionalmente enquanto se perguntava: *por que razão me escolheu a mim?* E quando faziam amor envoltos pela escuridão — e faziam amor no apartamento de Jessica na requintada Kensington, na cama de metal de Jessica com aqueles lençóis de linho branco e áspero (pois os pais dela haviam-lhe dito que os edredões eram coisas decadentes) —, no final ela abraçava-o com força, com os compridos caracóis acastanhados tombados sobre o peito dele, e então sussurrava-lhe como o amava, e ele dizia-lhe que a amava e que queria estar sempre com ela, e ambos acreditavam que era verdade.

— Abençoado seja eu, Mister Vandemar. Ela está a abrandar.

— Está a abrandar, Mister Croup.

— Deve estar a perder muito sangue, Mister V.

— Um sangue encantador, Mister C. Um sangue encantador e húmido.

— Já não falta muito.

Um clique: o som de uma lâmina a ser desembainhada, um som que ecoou vazio e solitário na escuridão.

— Richard? O que estás a fazer? — perguntou Jessica.

— Nada, Jessica.

— Não esqueceste novamente as chaves, pois não?

— Não, Jessica. — Parou de se apalpar e enfiou as mãos no fundo dos bolsos do casaco.

— Bem, quando esta noite estiveres na presença de Mister Stockton, deves manter em mente que ele não é apenas um homem muito importante. É também uma entidade empresarial por mérito próprio — afirmou Jessica.

— Mal posso esperar — suspirou Richard.

— O que foi que disseste, Richard?

— Mal posso esperar — respondeu, desta vez com bastante mais entusiasmo.

— Oh, por favor, apressa-te — disse Jessica, que começava a exsudar uma aura que, noutra mulher, quase poderia ser descrita como nervosismo. — Não podemos manter Mister Stockton à espera.

— Pois não, Jess.

— Não me chames isso, Richard. Odeio diminutivos. São tão humilhantes.

— Dê-me uma moedinha. — O homem estava sentado na soleira de uma das entradas. Tinha barba amarela e grisalha e os olhos enterrados e escuros. Pendia-lhe do pescoço uma tira de cordel esfiapado com um letreiro manuscrito apoiado contra o peito, informando todas as pessoas capazes de ler de que era um sem-abrigo e estava esfomeado. Não era necessário nenhum letreiro para se verificar isso; Richard enfiara já a mão no bolso e procurava uma moeda.

— Richard, não temos tempo — disse Jessica, que contribuía para a caridade e investia eticamente. — Bem, quero causar uma boa impressão no respeitante ao meu noivo. É vital que a futura esposa cause uma boa impressão. — O seu rosto franziu-se, abraçou Richard por instantes e disse: — Oh, Richard. Amo-te *verdadeiramente*. Sabes isso, não sabes?

Richard anuiu com a cabeça; sabia isso, sim.

Jessica verificou as horas e aumentou o ritmo das passadas. Richard lançou discretamente pelo ar uma moeda de uma libra na direcção do homem sentado na soleira, o qual a apanhou com a mão suja.

— Não houve nenhum problema com as reservas, pois não? — inquiriu Jessica.

E Richard, que não conseguia mentir quando confrontado com uma pergunta directa, respondeu: — Ah.

Ela escolhera o caminho errado; o corredor terminava numa parede vazia. Em circunstâncias normais, tal facto dificilmente a faria deter-se, mas estava tão exausta, tão esfomeada, sentia tantas dores... Apoiou-se contra a parede e sentiu a aspereza dos tijolos contra o rosto. Engolia o ar às arfadas e aos soluços enquanto chorava. Sentia o braço frio e a mão esquerda entorpecida. Não conseguiria avançar mais e começava a sentir que o mundo se tornava muito distante. Queria parar, deitar-se e dormir durante cem anos.

— Oh, abençoada seja a minha alma negra, Mister Vandemar, estás a ver o que eu vejo? — Era uma voz suave, próxima: deveriam estar mais perto do que supusera. — Vejo, com o meu pequeno olho, algo que vai ficar...

— Morto num instante, Mister Croup — disse uma voz abafada por cima dela.

— O nosso patrão vai ficar deleitado.

A rapariga tentou ignorar tudo o que lhe preenchia profundamente a alma, toda aquela dor, mágoa e pavor. Estava fatigada, esgotada e absolutamente exausta. Não tinha para onde fugir, não lhe restava qualquer força, era demasiado tarde. «Se for a última porta que eu abrir» — rezou em silêncio, para o Templo, para o Arco. «Algures... em qualquer lado... *segura...*», e depois pensou ansiosamente: *Alguém*.

E, enquanto começava a perder a consciência, tentou abrir uma porta.

À medida que a escuridão se apoderava de si, ouviu a voz de Mr. Croup, como se proviesse de algures muito distante. A voz dizia: — Raios partam isto!

Jessica e Richard avançavam pelo passeio em direcção ao restaurante. Jessica enfiara o braço no dele e caminhava tão rápido quanto os saltos altos lhe permitiam. Richard esforçava-se por a acompanhar. Os lampiões e as fachadas das lojas fechadas iluminavam-lhes o caminho. Passaram por uma extensão de edifício altos, amplos, abandonados e isolados, cercados por um elevado muro de tijolos.

— Estás a dizer-me, com toda a sinceridade, que tiveste de prometer-lhes mais cinquenta libras pela nossa mesa hoje à noite? És um idiota, Richard — declarou Jessica, com os olhos escuros a faiscarem.

— Não conseguiam descobrir o registo da minha reserva. E disseram que todas as mesas estavam já reservadas. — Os passos de ambos ecoavam contra o muro alto.

— Provavelmente vão sentar-nos junto da cozinha — disse Jessica. — Ou junto da porta. Disseste-lhes que era para Mister Stockton?

— Sim — retorquiu Richard.

Jessica suspirou e continuou a arrastá-lo atrás de si. Nessa altura abriu-se uma porta no muro, um pouco mais à frente deles. Alguém surgiu e aí permaneceu a cambalear durante um terrível momento até tombar sobre o pavimento de betão. Richard estremeceu e deteve-se de imediato. Jessica forçou-o a prosseguir.

— Ora bem, quando estiveres a falar com Mister Stockton, tenta não o interromper. Nem discordes dele; Mister Stockton não gosta que o contrariem. Quando disser alguma piada, ri-te. Se não conseguires saber se se trata ou não de uma piada, olha para mim. Eu... hum, bato com o indicador.

Aproximaram-se da pessoa que jazia no passeio. Jessica passou por cima do vulto informe. Richard hesitou. — Jessica?

— Tens razão. Ele poderá pensar que estou entediada — ponderou ela. — Já sei! — exclamou entusiasmada. — Se ele disser alguma piada, eu esfrego o lóbulo da orelha.

— Jessica? — Não conseguia acreditar que ela estivesse simplesmente a ignorar o vulto aos pés deles.

— O que foi? — Desagradava-lhe que a arrancassem dos seus devaneios.

— Olha.

Richard apontou para o passeio. O vulto estava de rosto virado para baixo e envolto em roupas enormes. Jessica deu a mão a Richard e puxou-o para junto de si. — Oh. Estou a ver. Se lhes prestarmos atenção, Richard, tentam logo obter algo de nós. Todos eles têm onde viver, a sério. Assim que ela dormir tudo, tenho a certeza de que ficará bem. — *Ela?* Richard olhou para baixo. *Era* uma rapariga. Jessica continuou: — Ora bem, eu disse a Mister Stockton que nós... — Richard baixara-se e apoiara o joelho no chão. — Richard? O que estás a fazer?

— Não está bêbada. Está ferida — constatou ele. Examinou então para a ponta dos seus próprios dedos. — Está a sangrar.

Jessica olhou para ele com nervosismo e perplexidade. — Vamos chegar atrasados — afirmou.

— Ela está *ferida*.

Jessica olhou de novo para a rapariga que jazia no passeio. Prioridades; Richard não tinha prioridades. — Richard, vamos chegar atrasados. Alguém passará aqui, alguém a ajudará.

O rosto da rapariga estava recoberto de sujidade, e as roupas estavam empapadas de sangue. — Está ferida — proferiu ele simplesmente. Havia no rosto dele uma expressão que Jessica nunca lhe vira antes.

— Richard — avisou-o, mas depois cedeu um pouco e ofereceu um compromisso. — Liga para as emergências e pede uma ambulância, então. Depressa, está bem?

A rapariga abriu repentinamente os olhos, uns olhos brancos e enormes num rosto que pouco mais era do que uma mancha de

poeira e sangue. — Para um hospital não, por favor. Eles descobrir-me-iam. Levem-me para um lugar seguro. Por favor. — A sua voz era débil.

— Estás a sangrar — disse Richard. Tentou ver de onde surgira ela, mas o muro de tijolos apresentava-se vazio e intacto. Olhou de novo para o vulto imóvel e perguntou: — Por que não para um hospital?

— Ajudas-me? — murmurou a rapariga, e os seus olhos cerraram-se.

Perguntou-lhe de novo: — Por que razão não queres ir para o hospital?

Desta vez não houve qualquer resposta.

— Quando chamares a ambulância, não dês o teu nome — aconselhou-o Jessica. — Podes ser obrigado a prestar declarações, ou algo do género, e então é que chegaríamos atrasados... Richard? O que estás a fazer?

Richard pegara na rapariga e segurava-a nos braços. Era surpreendentemente leve. — Vou levá-la para minha casa, Jess. Não posso abandoná-la. Diz a Mister Stockton que lamento sinceramente, mas houve uma emergência. Tenho a certeza de que ele compreenderá.

— Richard Oliver Mayhew — proferiu Jessica friamente. — Pousa essa rapariga e vem já para junto de mim. Senão o nosso noivado acaba já neste preciso instante. Estou a avisar-te.

Richard sentiu a pegajosa tepidez do sangue encharcar-lhe a camisa. Compreendeu que, por vezes, não restava outra opção possível. Afastou-se, deixando Jessica espedada no passeio e a sentir as picadas das lágrimas nos olhos.

Não parou uma única vez para pensar enquanto caminhava. Tratava-se de uma situação sobre a qual não possuía qualquer arbítrio. Algures na parte sensata do seu cérebro, alguém — um Richard Mayhew sensato e normal — lhe dizia como estava a ser ridículo: que deveria simplesmente ter chamado a polícia, ou uma ambulância; que era perigoso mover uma pessoa ferida; que perturbara Jessica profunda e seriamente; que nessa noite iria ter de dormir no sofá; que estava a estragar o seu único fato realmente bom; que a rapariga cheirava horrivelmente... No entanto, deu por si a colocar um pé à frente do outro e sentia já câibras nos braços e dores nas costas; ignorou os olhares das pessoas que passavam por si e limitou-se a continuar a caminhar. Pouco depois encontrava-se no rés-do-chão do seu prédio

e começou a subir as escadas com dificuldade, até chegar diante da porta do seu apartamento e se aperceber de que deixara as chaves na mesinha da entrada lá dentro...

A rapariga estendeu a mão suja, e a porta escancarou-se.

Nunca pensei ficar contente por o trinco da porta não fechar bem, pensou Richard enquanto levava a rapariga para dentro; fechou a porta atrás de si com o pé e depositou-a em cima da cama. Tinha a frente da camisa encharcada de sangue.

Ela parecia semiconsciente e continuava de olhos fechados, embora tremulassem. Tirou-lhe o casaco de cabedal. Havia um enorme corte no antebraço e no ombro esquerdos. Richard ficou de respiração suspensa. — Ouve, vou chamar um médico — proferiu baixinho. — Consegues ouvir-me?

Ela abriu desmesuradamente os olhos assustados. — Por favor, não. Eu fico bem. Não é tão grave como parece. Preciso apenas de dormir. Médicos não.

— Mas o teu braço... o teu ombro...

— Eu fico bem. Amanhã. Por favor? — A sua voz pouco mais era do que um murmúrio.

— Hum, acho que sim, está bem. — E quando a sanidade começou a impor-se, disse: — Ouve, posso saber se...?

Mas ela dormia já. Richard tirou do armário um velho lenço do pescoço e enrolou-o firmemente em redor do antebraço e do ombro esquerdos dela; não era sua intenção deixá-la sangrar até à morte na sua cama antes de poder levá-la a um médico. Saiu do quarto na ponta dos pés e fechou a porta. Sentou-se no sofá, diante da televisão, e começou a interrogar-se sobre o seu comportamento naquela noite.